

O MODERNO JÁ PASSADO | O PASSADO NO MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

Restauro e Requalificação da Biblioteca Central da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Paulo Bruna e Sonia Gouveia

Paulo Bruna

Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1963, onde é professor Titular de História da Arquitetura e Chefe do Departamento de História da Arquitetura e do Urbanismo. Pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology - MIT (1984-85).

Sonia Gouveia

Graduou-se em 2003 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde atualmente cursa o Mestrado na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Avenida Duquesa de Goiás, 716, cj 1A (Real Parque)

05686-002, São Paulo, Brasil.

Tel: (55-11) 3758-6060; Fax: (55-11) 3758-4558.

pb@paulo-bruna.com.br

soniammg@uol.com.br

Restauro e Requalificação da Biblioteca Central da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Resumo

No início do século XX São Paulo vivia um clima de modernidade e excitação. A cafeicultura era aos poucos substituída pela industrialização. A sociedade reestruturava-se, incorporando novos modos de vida. Uma burguesia empreendedora transformava a cidade provinciana em uma cidade moderna, suprimindo as demandas de infraestrutura, equipamentos e espaços públicos.

Neste contexto, em 1913 era inaugurada a Faculdade de Medicina e Cirurgia, na Avenida Brigadeiro Tobias, oriunda da "Academia de Medicina, Cirurgia e Pharmacia de São Paulo", criada em 1891. A construção de seu edifício central, na Avenida Municipal (atual Dr. Arnaldo), foi autorizada em 1916 e iniciada em 1928. Nesta empreitada foi essencial a contribuição da Fundação Rockefeller, instituição americana que, dos anos 1920 a 1930, apoiou muitas iniciativas no setor da saúde pública, ensino e pesquisa na área biomédica na cidade. Em 1931 era inaugurada oficialmente a Faculdade, integrada à Universidade de São Paulo três anos depois.

Para a elaboração do programa do novo edifício, uma comissão de professores, a convite da Fundação Rockefeller, percorreu centros de ensino médico modernos nos Estados Unidos, Canadá e Europa. A partir deste estudo, foi chamado o Escritório Técnico Ramos de Azevedo, o mais importante e prestigiado da época. A idéia inicial - edifícios isolados em estilo neo-gótico, muito corrente nos "campi" norte-americanos - evoluiu para um edifício único. Foi mantido o estilo neo-gótico, pouco habitual no Brasil e nas obras de Ramos de Azevedo, como o Teatro Municipal, nas quais predominava o estilo eclético, que mesclava elementos de diferentes períodos na composição.

Devido à sua importância histórica e arquitetônica, o edifício foi tombado em 1981, pelo Condephaat, órgão estadual de defesa do patrimônio histórico. Em 2004, integrando o Plano Diretor de Obras da Faculdade, o arquiteto Paulo Bruna foi contratado para o projeto de restauro e requalificação da sua biblioteca central. São 2.850 metros quadrados distribuídos em quatro pavimentos, em uma das alas laterais ao hall central. Visibilidade, acessibilidade e funcionalidade, somadas às necessidades de ampliação do acervo de livros, organização das áreas administrativas e estruturação da circulação foram idéias que nortearam o projeto.

O partido inverteu o sentido organizacional da biblioteca. A entrada, antes localizada no segundo pavimento, passou para o nível da rua e tornou-se independente do restante do prédio, possibilitando definir claramente os diversos fluxos e níveis de acesso. Todos os pavimentos agora se interligam por uma circulação vertical central, composta pela escada principal - anteriormente servindo somente a partir do primeiro pavimento -, elevador e monta-carga. Foram criadas zonas funcionais bem definidas: no embasamento, áreas de oficinas e acervo de periódicos; no primeiro pavimento está a entrada e o setor de atendimento aos alunos; no segundo, a maior parte do acervo de livros e salas de estudo; no terceiro, áreas administrativas.

O acervo de livros já havia sido objeto de intervenção anos atrás, quando a laje em concreto do terceiro pavimento fora parcialmente demolida para dar lugar a mezaninos metálicos que dividem os pés-direitos de cerca de quatro metros, criando passarelas sobre as quais foram colocadas estantes. Com a reforma, o acervo de livros aumentou sua capacidade de 53.000 para 117.000 exemplares. O acervo de periódicos, interessante estrutura metálica dos anos 1930, doada pela Fundação Rockefeller, agora é visualmente acessível a partir da circulação do primeiro pavimento e pelo acesso principal, graças à instalação de grandes caixilhos de vidro. O projeto demonstrou seriedade com relação tanto às novas necessidades funcionais quanto à preservação e respeito a este edifício de inquestionável importância histórica, institucional, urbanístico e arquitetônico.

Abstract

In the beginning of the XX century, there was a climate of modernity and excitement in São Paulo. The culture of coffee was replaced by industry. By incorporating new ways of life, the society changed. An enterprising group turned the antique city into a modern one by serving the necessity for infrastructure, urban equipments and public spaces.

In this context, in 1913 the Faculty of Medicine and Surgery was founded, on Brigadeiro Tobias Avenue, from the "Academy of Medicine, Surgery and Pharmacy of São Paulo", created in 1891. In 1916 the

construction of its central seat was authorized and in 1928 it began. In this challenge, it was essential the contribution of Rockefeller Foundation, an American institution which supported many initiatives in public health, education and resource in Medicine in the city, from 1920's to 1930's. In 1931 the Faculty was officially opened, and three years later it integrated the University of São Paulo.

In order to elaborate the new building program, a commission of professors was invited by the Rockefeller Foundation to visit modern Medicine educational centers in the United States, Canada and Europe. Based on this study, Technical Office Ramos de Azevedo, the most important and famous architecture office in that time, was called to project the new building. The first idea - isolated buildings in Neo Gothic style, very common in North-American campus – developed into a single building. The Neo Gothic style remained, even not-common in Brazil neither in Ramos de Azevedo's projects, such as the City Theatre, whose predominant eclectic style combined elements from different periods in the composition.

Because of its historical and architectural importance, in 1981 the building was put under the government trust by Condephaat, the São Paulo State council for the preservation of historical buildings. In 2004, the architect Paulo Bruna was hired to make the project of restoration and requalifying of its central library, as part of the Master Plan of Works in the Faculty. It is a 2850-square-meter library divided in four floors, located in one side of the central hall. Visibility, accessibility and functionality, necessity for larger space for the bookshelves, organization of administration areas and a well structured circulation were the main ideas.

The project inverted the organizational direction of the library. The entrance, first located on the second floor, moved to the same level of the avenue and became independent from the rest of the building, defining clearly the several flows and levels of accessibility. All the floors are now connected by a central system of vertical circulation, formed by the main stairs – that beforehand served only from the first floor - and elevator. Well-defined functional zones were created: on the basement, bookbinder's workshop and periodicals collection; on the first floor, the entrance and the assistance for the students; on the second one, the largest part of the bookshelves and study rooms; on the third one, administrative section.

The bookshelves area had already been modified years ago, when concrete slab on the third floor was partially demolished in order to install metallic platforms which divide the four-meter height, creating footbridges on which are the bookshelves. After the works, the books collection increased in capacity from 53.000 to 117.000 volumes. The periodicals collection, seated on an interesting 1930's metallic structure donated by Rockefeller Foundation, now is visually accessible from the circulation on the first floor and from the main entrance, due to the installation of large glazed surfaces. The project demonstrated seriousness about the new functional necessities and about the preservation and respect to this building, which has unquestionable historical, institutional, urbanistic and architectural importance.

Palavras-chave: biblioteca / restauro / Paulo Bruna

Key words: library / restoration / Paulo Bruna

Introdução

Inscrito sob a categoria “A documentação e análise de exemplos de reciclagem, requalificação e rearquitetura de obras filiadas a correntes modernistas de cunho eclético-acadêmico na contemporaneidade”, este trabalho pretende contribuir através da abordagem detalhada do projeto de restauro e requalificação da Biblioteca Central da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP.

Inaugurado no início da década de 1930, o edifício sede da FMUSP passou por diversas intervenções físicas que desfiguraram em parte suas características originais. Há cerca de dez anos a diretoria, a Fundação Faculdade de Medicina e o Instituto de Arquitetos do Brasil se mobilizaram no intuito de obter um plano diretor para coordenar as obras de recuperação deste

edifício ímpar dentro do conjunto de obras ecléticas de Ramos de Azevedo, destacando-se por seu estilo neo-gótico, típico dos campi norte-americanos e ingleses.

O trabalho organiza-se em duas partes. No primeiro momento são levantados pontos sobre a construção do edifício, como a situação da cidade de São Paulo no início do século XX, o processo de criação da Faculdade de Medicina, a participação da Fundação Rockefeller, o projeto original e suas influências. Em seguida serão abordados as diretrizes, os condicionantes e as estratégias para modernizar e restaurar a Biblioteca Central. Os desafios não se impuseram somente ao projeto, mas também a sua execução, uma vez que era imprescindível manter um atendimento mínimo aos pesquisadores. A partir dos dados do desenho original, do projeto de restauro e de sua concretização será possível avaliar os resultados desta intervenção.

A cidade de São Paulo no início do século XX e a fundação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

No início do século XX São Paulo vivia um clima de modernidade e excitação. A cafeicultura, sua principal fonte da riqueza, era aos poucos substituída pela industrialização, impondo uma série de mudanças em todos os campos. Politicamente, a oligarquia cafeeira cedia lugar a uma burguesia empreendedora, interessada em alçar São Paulo ao nível das grandes cidades mundiais. A sociedade se reestruturava, incorporando novos modos de vida e convivendo com novos personagens, os imigrantes, principalmente italianos, que deixavam o campo e começavam a ocupar as vilas nos bairros operários. A cidade provinciana transformava-se em uma cidade moderna, suprimindo as demandas de infraestrutura, equipamentos e espaços públicos.

Contudo, apenas Rio de Janeiro e Bahia dispunham de Escolas de Medicina. As tentativas ocorridas ao longo do século XIX para se implantar um curso médico em São Paulo foram frustradas. O decreto-lei de 4 de novembro de 1823, que criava duas Universidades no Brasil, uma em Olinda e outra em São Paulo, ambas com Faculdades de Medicina e Farmácia, não entrou em vigor. Cesário Motta Júnior, em discurso proferido na Assembléia Provincial de São Paulo em 27 de fevereiro de 1878, defendia a criação de uma Escola de Medicina.

O primeiro instrumento legal estabelecendo uma Escola Médica em São Paulo - a Academia de Medicina, Cirurgia e Pharmacia - foi a lei nº. 19, de 24 de novembro de 1891, sancionada pelo Presidente do Estado, Américo Brasiliense de Almeida Mello. Uma comissão foi criada, encarregada de planejar a Academia, com nomes como Carlos Botelho, Luiz Pereira Barreto, Francisco Franco da Rocha, Antonio Francisco de Paula Souza, Inácio Marcondes Rezende e Souza Tibiriçá. A criação da Academia consolidou o anseio da nata da medicina paulistana, reunida na Santa Casa de Misericórdia.

Em 1895, surgiu a primeira associação de médicos, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, presidida por Pereira Barreto. Entre os fundadores estava Cesário Motta Júnior. A Sociedade logo criou uma Policlínica, estabelecida na Praça da Sé, que oferecia atendimento médico gratuito. Planejavam a construção de sua sede própria, na Rua do Carmo, e a cessão de um de seus andares para a futura Academia de Medicina.

A essa época Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920) já se envolvia com a concretização da Faculdade, mas acreditava que tal empreitada só daria resultados se subvencionada pelo Estado. Cirurgião renomado e ativamente participativo da vida urbana, Arnaldo envolvia-se com questões outras que não apenas o ensino médico. Em 1910, por exemplo, compôs junto com nomes como Conde de Prates, Plínio da Silva Prado e Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o grupo que encaminhou ao Congresso Legislativo do Estado o pedido de licença para construir na cidade três amplas avenidas com todos os melhoramentos disponíveis.¹

Somente em 1912, 21 anos após o decreto que criou a Academia, foi outorgada pelo Presidente do Estado de São Paulo, o Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, e pelo Secretário do Interior Altino Arantes, a lei nº. 1357, de 19 de dezembro de 1912, que implantou a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. O regulamento da Escola foi estabelecido através do decreto nº. 2.344, de 31 de janeiro de 1913. Arnaldo, na época Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia há quase vinte anos, recebeu a incumbência de implantar o primeiro curso de Medicina do Estado de São Paulo. Em 1914 as aulas passaram a ser ministradas na sede provisória da Faculdade, localizada à Rua Brigadeiro Tobias. Em 1918 formou-se a primeira turma, composta por 27 médicos².

A construção do edifício central da Faculdade, na Avenida Municipal (atual Avenida Dr. Arnaldo), em frente ao cemitério do Araçá, foi autorizada em 1916, sendo lançada sua pedra fundamental em 25 de janeiro de 1920. Foi o último grande gesto público de Arnaldo, que morreu prematuramente meses mais tarde.

O início da construção deu-se em 25 de janeiro de 1928, sob o governo de Júlio Prestes de Albuquerque. Nesta empreitada foi essencial a contribuição da Fundação Rockefeller, instituição americana que, dos anos 1920 a 1930, apoiou muitas iniciativas no setor da saúde pública e do ensino e pesquisa na área biomédica em São Paulo³. A Fundação Rockefeller participou na melhoria das instalações das cadeiras de laboratório, anatomia, histologia, química, fisiologia e

¹ O projeto, de autoria do arquiteto Alexandre de Albuquerque, denominava-se "Grandes Avenidas", e contemplava a ligação entre as estações de ferro (Luz e Sorocabana), o centro e os bairros da Liberdade e Vila Mariana. Sobre o assunto, ler: TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: COsac & Naify, Duas Cidades, 2004. p. 121-122.

² Dados disponíveis em: < <http://www.fm.usp.br/sobre/historico.php> > Acesso em 25 jul. 2007, 17:50:00.

³ Sobre a contribuição da Fundação Rockefeller em São Paulo, ler: FARIA, Lina Rodrigues de. "A Fundação Rockefeller e os serviços de saúde em São Paulo (1920-30): perspectivas históricas". In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.9 n°3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000300005 > Acesso em 26 abr. 2007, 11:23:14.

patologia, bem como a proposta de um modelo de ensino médico apoiado em pontos como a limitação do número de alunos em 80 por série, a introdução do regime de tempo integral, a organização das disciplinas no sistema de departamentos, a vinculação do ensino clínico à estrutura de um hospital escola e a ênfase na pesquisa.

Após a interrupção das obras em função da Revolução de 1930, a Faculdade de Medicina foi inaugurada oficialmente em 15 de março de 1931. Em 1934, foi integrada à Universidade de São Paulo, recém-criada. As aulas práticas de clínica e cirurgia continuaram a ser ministradas na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, até 1944, quando foi inaugurado o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

O projeto original: Ramos de Azevedo, Fundação Rockefeller e a influência dos campi norte-americanos

Para a elaboração do programa do edifício sede da Faculdade de Medicina, os professores Ernesto de Souza e Campos, Luiz de Rezende Puech e Benedicto Montenegro, a convite da Fundação Rockefeller, percorreram durante seis meses duzentos centros de ensino médico modernos nos Estados Unidos, Canadá e Europa. Concluiu-se que era necessário o agrupamento em uma mesma área dos vários edifícios, mantendo contudo separadas as inúmeras cadeiras. Assim, a idéia inicial que previa a construção de pavilhões isolados foi reformulada.

Para tal foi contratado o escritório mais importante e prestigiado da época, o Escritório Técnico Ramos de Azevedo, que atendia as solicitações tanto do setor público como da elite paulistana. Ramos estudou durante quatro anos na Europa, na cidade belga de Gande. Em suas obras nota-se a predominância do ecletismo, estilo dominante no cenário arquitetônico nas primeiras décadas do século XX, que mesclava elementos de diferentes períodos na composição arquitetônica. São de sua autoria, entre outros, o Teatro Municipal, o Palácio das Indústrias, a Secretaria da Agricultura, a agência central dos Correios e Telégrafos e o Liceu de Artes e Ofícios (atual Pinacoteca do Estado).

Em seu último trabalho, porém, Ramos de Azevedo não adotou o estilo eclético, tão característico de suas obras. O edifício sede da Faculdade de Medicina foi concebido em estilo gótico, estilo típico de universidades americanas no século XIX e início do XX. Uma vez que os professores Souza e Campos, Rezende Puech e Montenegro viajaram pela América do Norte e Europa analisando as instalações de diversos cursos de Medicina, era natural que em São Paulo surgisse um edifício com tais características.

No início do século XX, o surgimento de grandes universidades nos Estados Unidos demonstrava a mudança de dimensões e complexidade dos novos campi que dominariam a educação superior americana nos próximos anos. Imediatamente alguns educadores reagiram negativamente, defendendo o renascimento dos ideais do *college* americano tradicional, baseados na comunidade

intimista de estudantes e professores, dividindo valores intelectuais e sociais e com ênfase maior no desenvolvimento do caráter e cultura ao invés do ensino dos negócios. Este movimento reacionário, cujas origens se encontram em 1919, em Columbia, move-se através do desejo de padrões intelectuais melhores, de uma nostalgia de elitismo, numa preocupação com a despersonalização e a especialização extremada da vida universitária.

Foram buscadas referências na tradição britânica, em que as relações estudante-professor eram mais próximas. Conseqüentemente foram criadas unidades educacionais menores ao invés de grandes universidades, baseadas no sistema tutorial - grupos pequenos, compartilhando o senso de comunidade. A expressão arquitetônica apropriada para estes ideais era o pátio interno enclausurado, típico da universidade inglesa medieval, um local natural para uma comunidade colegial que valoriza a intimidade e a comunhão e o ambiente propício para que os estudos floresçam.



Imagem 1

Vista aérea do campus de Princetown.
Fonte: TURNER, Paul Venable. *Campus: an American planning tradition*. New York: The Architectural History Foundation, 1984, p. 236

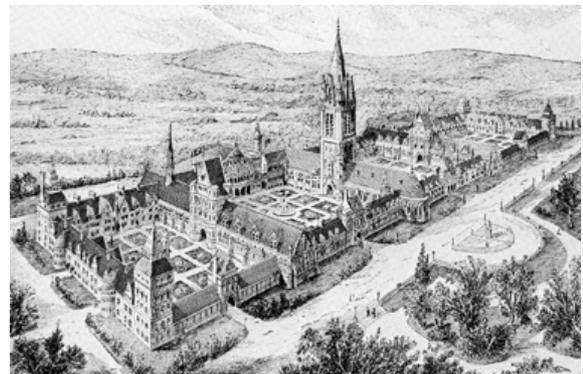


Imagem 2

Plano de William Burges para o novo campus do Trinity College, Connecticut.
Fonte: TURNER, Paul Venable. *Campus: an American planning tradition*. New York: The Architectural History Foundation, 1984, p. 221

O arquiteto Ralph Adams Cram, o mais fervoroso a favor do renascimento do pátio inglês medieval como expressão do tradicionalismo colegial, acreditava que esta configuração tinha grande importância no desenvolvimento da honra pessoal, de uma vida limpa, de obediência à lei e temor a Deus. Para Cram, o estilo gótico tardio de Oxford e Cambridge, na Inglaterra, era o único que expressava absolutamente os ideais de um ensino voltado para educação e cultura. Para Cram, a causa da decadência estava no estilo pomposo que Presidente Jefferson imprimira nas universidades – o estilo Belas-Artes, em um grande terreno retangular, um extenso eixo longitudinal, uma estrutura dominante como ponto focal em uma das extremidades e edifícios

subsidiários posicionados em ambos os lados do eixo. A escola, segundo Cram, deveria ser “metade colégio e metade monastério”⁴.

Yale College, Trinity College e Reed College são alguns dos exemplos americanos a seguir esta linha. Para o Trinity, em Connecticut, o arquiteto inglês William Burges criou em 1874 uma série de quatro pátios, fechados em todos os lados, alinhados axialmente, combinando estilos Romanesco e Gótico: um plano nunca antes visto na América. O plano de Albert E. Doyle (1911-12) para Reed College em Portland, Oregon, previa uma série de pátios góticos organizados, contudo, segundo o padrão Belas-Artes - edifícios clássicos arrumados simetricamente ao redor de jardins axiais - com espaços abertos e fechados ao longo de eixos e cruzamentos, culminado em torres e outros pontos focais.

Em 1902, quando Woodrow Wilson assumiu a presidência da Princeton University, padrões acadêmicos tornaram-se rigorosos, de acordo com sua visão conservadora de educação, segundo a qual a universidade ideal seria um lugar de reclusão e separação do mundo. Daí sua atração pelos pátios de Oxford e Cambridge, um conjunto de câmeras silenciosas e jardins protegidos de intrusos, para estudar e ficar com seus próprios pensamentos em privacidade. Em 1906, Woodrow contratou Ralph Adams Cram para preparar o plano geral de desenvolvimento do campus, almejando fazer deste um campus uniformemente gótico. Segundo Wilson, pelo simples fato de construir os novos edifícios neste estilo, parecia que a Princeton foram somadas as centenas de anos de história de Oxford e Cambridge. As linhas dos edifícios remeteriam a imaginação humana às tradições históricas de ensino inglês.⁵

O edifício sede da Faculdade de Medicina revela esta influência. Sua planta está organizada em torno de dois pátios internos, enclausurados. Três blocos perpendiculares e dois paralelos à Avenida Dr. Arnaldo os delimitam. Cada bloco varia de três a cinco pavimentos, e a cada ala corresponde uma cadeira específica do curso.

A entrada faz-se a partir da Avenida. O gradil que delimita a propriedade, em ferro trabalhado, apresenta algumas pilastras com desenho gótico. Seguindo o eixo marcado pelos canteiros de flores, chega-se à porta de acesso, no bloco central. A entrada imponente é enfatizada pela maior altura deste bloco, que abriga a administração e que conduz ao hall central e à escada principal. Os blocos laterais, simétricos e de menor altura, abrigam a biblioteca e o anfiteatro. Embora não haja torres altas e grande número de pináculos, as fachadas apresentam traços do estilo gótico. Arcos ogivais góticos definem o desenho de diversos caixilhos, cujas folhas apresentam nervuras geométricas. As platibandas combinam linhas retas com pontas verticais.

⁴ TURNER, Paul Venable. *Campus: an American planning tradition*. New York: The Architectural History Foundation, 1984, p. 217.

⁵ *Ibidem*. p. 227.



Imagem 3

Vista aérea da Faculdade de Medicina, década de 1930. Fonte: Processo de Tombamento do Condephaat.

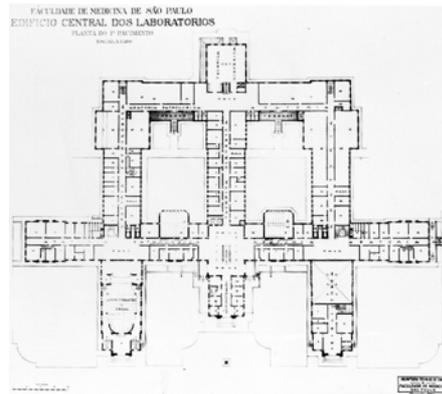


Imagem 4

Planta do primeiro pavimento do edifício da FMUSP. Fonte: Processo de Tombamento do Condephaat.



Imagem 5 – Fachada da FMUSP, década de 1930. Fonte: Processo de Tombamento do Condephaat.

Devido à sua importância histórica e arquitetônica, o edifício central da Faculdade de Medicina foi tombado em 16 de março de 1981, pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo), sob a presidência do Prof. Dr. Nestor Goulart Reis Filho, que fez parte da equipe do projeto de restauro⁶.

O projeto de restauro e requalificação: problemas encontrados e soluções propostas

Em 2004, após vencer concorrência, o arquiteto Paulo Bruna foi contratado para o projeto de restauro e requalificação da Biblioteca Central da FMUSP. Este projeto integra a primeira etapa do Plano Diretor e de Ampliação, norteador do Projeto de Restauro e Modernização da FMUSP. A

⁶ Secretaria de Estado da Cultura. Lista dos Bens Tombados no Estado de São Paulo. Faculdade de Medicina – USP (Avenida Dr. Arnaldo, 445 - Cerqueira César) Processo: 20625/78, Tomb.: Res. 8 de 16/3/81, D.O.: 17/3/81, Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 1, p. 26, 29/5/1981. Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.da9951edef838c342ff05210c19714a0/?vgnnextoid=6ef9fbc356338010VgnVCM1000001c79410aRCRD>> Acesso em 26 abr. 2007, 11:20:00.

Fundação Faculdade de Medicina é a co-responsável pelo Projeto, aprovado pelo Ministério da Cultura nos termos da Lei Rouanet e viabilizado com recursos captados junto à iniciativa pública e privada. O Projeto prevê o restauro de todo o prédio, a fim de recuperar seus aspectos histórico-arquitetônicos deturpados por inúmeras intervenções físicas. A remodelação, modernização e ordenação das atuais instalações são outros pontos listados no escopo, visando à adequação do edifício às necessidades e aos novos conceitos do ensino e pesquisa médicos internacionais.

Além da Biblioteca Central, dentro da Etapa I do Plano Diretor e de Ampliação - elaborado por Andrade Morettin Arquitetos Associados, vencedores do concurso público realizado em 1998 - já foram concluídos as fachadas laterais, dois anfiteatros, os corredores principais, os laboratórios, as salas da diretoria, o hall central, o teatro e Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC) e estão em andamento as obras das novas portarias e o paisagismo.

Os quatro pavimentos ocupados pelos cerca de 2500 metros quadrados da biblioteca traziam uma série de questões a serem resolvidas. Sua entrada original, no nível da Avenida Dr. Arnaldo, fora ocupada pela secretaria do curso de pós-graduação que, sem outro lugar para o qual se mudar, permanecia ali, usufruindo de aproximadamente duzentos metros quadrados do primeiro pavimento da biblioteca. Os problemas físicos e espaciais eram numerosos, indo desde a insuficiência de área para o acervo de livros e para atendimento adequado ao usuário até a necessidade de condicionamento térmico. Patologias graves como umidade e infiltrações comprometiam a integridade do acervo. Os ambientes eram mal distribuídos e o excesso de paredes e portas impedia a fluidez, criando até mesmo locais mal aproveitados, rapidamente transformados em depósitos. À ausência de lógica nos fluxos unia-se a descontinuidade da escada principal, interrompida no primeiro andar. É preciso frisar que o projeto não atuou no sentido de reconstruir as condições originais da biblioteca – já bastante modificadas - mas de pensá-las em função das novas necessidades funcionais traduzidas em visibilidade, acessibilidade, ampliação da área de acervo, organização das áreas administrativas e estruturação da circulação.

A entrada localizava-se no segundo pavimento, adjacente à copiadora, entre os armários do guarda-volumes e as únicas duas mesas de estudo em grupo, externos à biblioteca. Na circulação estreita cruzavam-se fluxos diversos: dos usuários que entravam e que saíam, daqueles que usavam o guarda-volumes, dos que estavam sendo atendidos no balcão, daqueles nas mesas de estudo.

O partido inverteu o sentido organizacional da biblioteca. Ao passar a entrada para sua posição original (no nível da Avenida Dr. Arnaldo), o acesso tornou-se independente da faculdade, constituindo-se num fator de segurança e racionalidade, dado o grande número de pesquisadores externos à instituição que visitam diariamente a biblioteca. A partir desta decisão, o projeto pôde se estruturar de maneira mais limpa e fluída, traçando claramente os diversos fluxos e os níveis de acesso. Foram criadas zonas funcionais bem definidas: no primeiro pavimento está o setor de

atendimento aos alunos; no embasamento, áreas de oficinas, copiadora e acervo de periódicos (acesso restrito); no segundo pavimento está a maior parte do acervo de livros e as salas de estudo; o terceiro abriga as áreas administrativas.

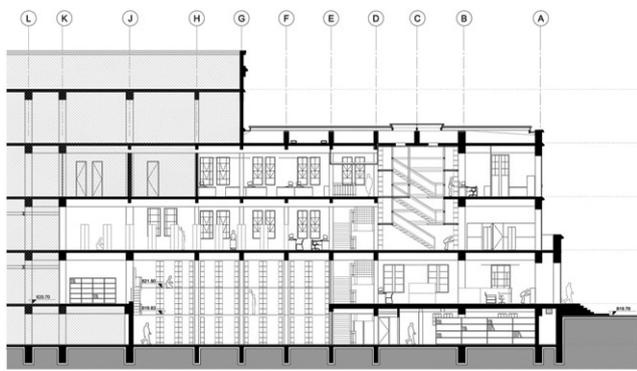


Imagem 6
Corte longitudinal da biblioteca.



Imagem 7
Antiga entrada, pelo segundo pavimento.
Foto: Sonia Gouveia

O novo balcão de atendimento foi desenhado de forma a organizar e distribuir racionalmente os usuários. O guichê frontal é destinado à devolução de material, sem que haja necessidade de entrar. À direita, em um lugar reservado, estão os armários nos quais os alunos guardam seus pertences antes de passar pela catraca, ao lado do balcão. O usuário que procura atendimento o recebe na área lateral, na qual estão vários funcionários com esta função específica. A retirada de material e pedidos de periódicos são feitos do lado oposto da devolução, e a saída dá-se pelo lado esquerdo.



Imagem 8
Nova entrada, no primeiro pavimento. No centro vê-se o novo balcão de atendimento.
Foto: Sonia Gouveia



Imagem 9
Área de atendimento ao usuário e balcão de atendimento no primeiro pavimento.
Foto: Sonia Gouveia

Após o ingresso, o usuário depara-se com um grande caixilho de vidro que permite contato visual com o mobiliário anteriormente oculto do acervo de periódicos, doado na década de 1930 pela

Fundação Rockefeller. Ao lado do caixilho organiza-se o sistema de circulação vertical, com a escada à direita e o elevador e monta-carga, à esquerda. Ao observar a escada, é possível que se afirme que ela é original e que sempre esteve ali. Entretanto, não é verdade: a semelhança entre o novo lance – que conduz ao embasamento – e os demais deve-se ao minucioso levantamento das peças do guarda-corpo em ferro e madeira e à cuidadosa execução do piso em granilite, mantendo o mesmo tom dos degraus existentes.

Este espaço estava subutilizado, abrigando apenas dois sanitários de funcionários. A escada era aí interrompida, sendo substituída por outras duas em lance reto, direcionalmente opostas. A de concreto, revestida com cerâmica, chegava ao embasamento. A outra, em madeira pintada de vermelho, acessava o jardim externo. Sob si havia sanitários, copa de funcionários e depósito de material de limpeza improvisados. A continuidade da escada principal até o embasamento, aliada à instalação do elevador e do monta-carga, foi essencial para a integração da biblioteca.

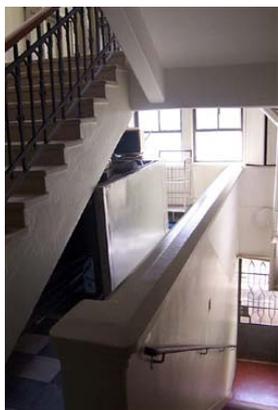


Imagem 10
Configuração antiga da escada principal,
interrompida no primeiro pavimento. À direita,
escada em madeira.
Foto: Sonia Gouveia



Imagem 11
Escada principal, hoje com continuidade até o
embasamento. Guarda-corpo seguindo padrão
existente. No centro, caixilho de vidro que permite
visualizar acervo de periódicos.
Foto: Sonia Gouveia

A execução do poço do elevador foi a operação mais delicada da obra. Sua escavação só foi possível com o rebaixamento da sapata sob um dos pilares de concreto. Sob o risco de desestabilização estrutural, foi feito o escoramento do pilar através de quatro vigas metálicas provisórias, do teto ao piso, e duas vigas horizontais, permanentes, no nível da fundação, que travaram sua base. Após este trabalho inicial, o poço do elevador, com profundidade de 1,50 metro, foi escavado e suas paredes concretadas.

Adjacente ao elevador foi colocado o monta-carga, que atende todos os pavimentos, inclusive os andares intermediários do acervo de periódicos. Para tal, foram previstos duas posições de abertura das portas: frontal no embasamento, primeiro, segundo e terceiro andares, e abertura

nos fundos, para atender o acervo de periódicos. Junto ao elevador há, ainda, shaft de instalações elétricas, hidráulicas e de ar condicionado, com acesso em todos os pavimentos.



Imagem 12
Escoramento do pilar para execução do poço do elevador.

Foto: Sonia Gouveia

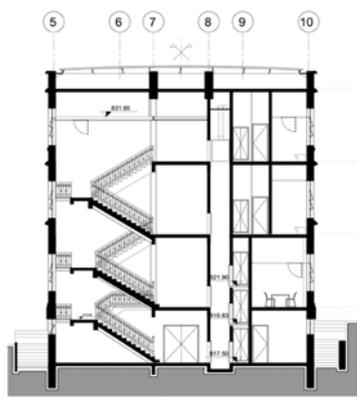


Imagem 13
Corte transversal mostrando a continuidade da escada até o embasamento, o monta-carga e os sanitários.

Para a execução do elevador, considerou-se prudente a demolição de todo aquele trecho da estrutura existente, para que a conjugação do poço com a laje antiga não trouxesse danos futuros, devido aos seus comportamentos estruturais diferentes. Desta forma, após a conclusão da caixa do elevador e do monta-carga, foram construídas as lajes em concreto do primeiro ao terceiro pavimentos, apoiadas nas vigas de concreto existentes e em vigas novas, metálicas. Nos dois últimos andares, estas lajes suportam os sanitários. Foi escolhido um elevador sem casa de máquinas. O pé-direito amplo de quatro metros permitiu a inserção dos comandos sob a última laje, evitando, assim, interferências na cobertura.

A grande intervenção sofrida pelo acervo de livros na década de 1970 prejudicou consideravelmente o encaminhamento das águas pluviais. Aquelas obras demoliram parte da laje do terceiro pavimento para a instalação de passarelas metálicas intermediárias que, distribuídas em três níveis dentro do pé-direito duplo resultante, aumentaram a metragem linear de estantes. Para suportar os esforços provenientes do atirantamento desses três níveis de passarelas foram executadas vigas invertidas de concreto, com alturas variando entre 50 e 80 centímetros. A estrutura original de madeira e as telhas cederam o lugar a um tabuleiro desenhado por estas vigas, formando verdadeiros tanques de acumulação de água de chuva, cujo escoamento era feito por ralos posicionados no centro de cada um. Sob índices pluviométricos elevados este sistema colapsava e, somado às rachaduras devidas à ausência de manutenção da impermeabilização da laje e das vigas, gerava infiltrações graves no último nível do acervo, que já deixara de ser utilizado há anos. Infiltrações também provinham dos terraços, cujo ladrilho hidráulico original foi totalmente retirado para a execução de nova impermeabilização e correto encaminhamento das

águas para os coletores existentes. O desenho do ladrilho foi reproduzido em peças novas. Solucionar os problemas de infiltração e escoamento de águas pluviais, portanto, era primordial nos serviços e condicionante para os trabalhos internos de pintura.

A recuperação do desenho original do telhado, com várias águas cobertas por telhas de barro era impossível em função do viga invertido. A solução foi instalar terças metálicas sobre as vigas, compondo uma curva de inclinação suave, coberta com telha metálica zipada. Em todo o perímetro foi colocada, junto à platibanda, calha metálica corretamente dimensionada e encaminhada para as descidas originais existentes, externas ao prédio.

O diferencial da proposta do arquiteto Paulo Bruna em relação aos outros concorrentes foi o baixo custo de estrutura, uma vez que sua postura foi manter as passarelas metálicas ao invés de retirá-las e reconstruir a antiga laje. Além de uma nova intervenção estrutural poder ser danosa ao edifício, havia a carência de espaço para estantes, o que seria agravado com a eliminação dos níveis intermediários. Portanto, a proposta seguia no sentido de qualificar aquele espaço, sombrio e desconfortável.



Imagem 14

A cobertura apresentava muitos problemas de escoamento de águas pluviais, devido ao viga invertido. Ao fundo, chegada da escada helicoidal e máquinas de ar condicionado.

Foto: Sonia Gouveia



Imagem 15

Aspecto do acervo de livros e área de leitura, antes da reforma.

Foto: Sonia Gouveia

A primeira medida foi substituir a escada helicoidal, estreita e desconfortável, por uma escada metálica em lance reto, mais larga e segura. Outra decisão foi abrir seis vãos na cobertura, cobertos por telha de policarbonato alveolar transparente, resultando em uma iluminação zenital difusa e agradável.

Todos os acabamentos antigos eram sóbrios: a estrutura metálica era na cor cinza chumbo, num tom um pouco mais escuro que o das estantes; o guarda-corpo era composto por grades na cor vinho ou por balaústres em madeira, no terceiro pavimento; o piso nos níveis metálicos era em borracha, na cor preta. Com a reforma, toda a estrutura metálica, incluindo-se as estantes,

recebeu pintura eletrostática na cor verde, referência direta à Medicina. Para o fechamento do guarda-corpo foi escolhido vidro laminado fosco. Para o piso das passarelas metálicas optou-se pelo piso vinílico, que oferece conforto térmico e acústico.

Embora o piso vinílico seja adequado para ambientes de longa permanência e de tráfego intenso, não se decidiu pelo seu uso nas demais áreas de acervo, anteriormente revestidas com placas de granito mauá - escuro e frio. Foi uma exaustiva discussão sobre os critérios com relação ao piso granilite existente que, por ser original, não poderia ser removido. A combinação de áreas em granilite e vinílico era desagradável. No entanto, a reprodução do padrão xadrez existente era contestada, uma vez que o ajuste perfeito dos três tons – creme, amarelo e vermelho - seria muito difícil, num processo impreciso baseado em tentativas e erros. A experiência prévia da gerenciadora das obras no piso do hall central e dos corredores da faculdade mostrava que atingir o mesmo padrão, de forma a não serem distinguíveis o novo e o original, seria impossível. A solução, pois, foi manter o mesmo material, mas com desenho diverso. Nas áreas novas seria feito o piso no tom creme, mais facilmente reproduzível, com as bordas no tom amarelo. O tom vermelho, muito difícil de reproduzir, foi evitado, sendo aplicado apenas em pontos específicos do segundo e terceiro andares, para reconstituir rodapés. O piso em parquet, na atual área administrativa, e o piso em taco, no acervo de periódicos, também foram restaurados.

O grande desafio, contudo, era aumentar a área de acervo de livros. Ao incorporar áreas como a secretaria do curso de pós-graduação e duas áreas de aproximadamente 50 m² cada, junto aos corredores do primeiro e segundo pavimentos, a biblioteca passou a ocupar 2850 m², permitindo o aumento de sua capacidade de 53.000 para 117.000 exemplares. Para pesquisar todo o acervo foi ampliado o número de computadores de consulta, concentrados em dois pontos, no primeiro e no segundo andares.

Outra deficiência foi eliminada com a previsão de quatro salas de estudo em grupo. Os usuários contavam apenas com duas mesas, externas à biblioteca, junto à entrada, suscetíveis a barulho e impróprias para o estudo. Nas salas fechadas os alunos têm agora acomodação adequada, junto ao acervo e com isolamento acústico adequado, que permite o trabalho em equipe sem que se incomode os demais usuários.

O acervo de periódicos não teve sua capacidade ampliada. Recebeu acabamentos novos e adequou-se às normas de combate a incêndio. Foi valorizado pelo acesso visual do qual os alunos podem usufruir, a partir do grande caixilho em vidro em frente à entrada e junto ao corredor, no primeiro andar, compondo um eixo visual. A histórica estrutura metálica deste acervo sempre esteve oculta. Somente funcionários circulam entre seus corredores estreitos e baixos. O sistema de catalogação, diferente do que gere os livros, inviabiliza o acesso direto dos usuários. Aquele que deseja consultar algum volume deve solicitá-lo junto ao balcão de entrada, e seu pedido será encaminhado via monta-carga.



Imagem 16
Acervo de livros, com a nova escada metálica e novos acabamentos.
Foto: Sonia Gouveia

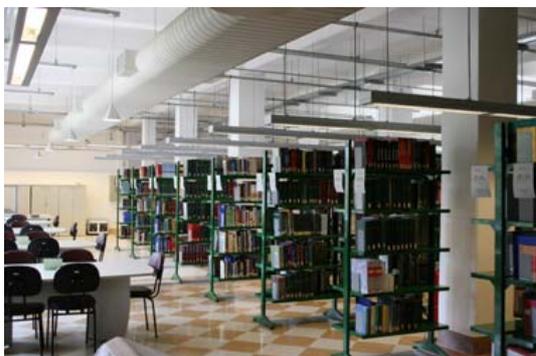


Imagem 18
Acervo de livros no segundo pavimento.
Foto: Sonia Gouveia



Imagem 17
Vista dos mezaninos do acervo de livros. Vãos para iluminação zenital foram abertos na cobertura.
Foto: Sonia Gouveia

Apesar de sua beleza e qualidade, a estrutura dos anos 1930 apresentava problemas: algumas prateleiras metálicas haviam sido substituídas por outras de madeira, incompatíveis com os critérios de conservação de títulos antigos. Em determinados pontos, tábuas de madeira foram colocadas precariamente no piso, para fechar vãos. As luminárias, ineficientes, estavam posicionadas no centro da circulação, resultando em pé-direito ainda mais baixo e iluminação afastada das estantes, onde é imprescindível.

Todas as partes metálicas receberam o mesmo tratamento dado ao acervo de livros. A plataforma metálica também foi revestida com piso vinílico. As paredes em contato com solo receberam tratamento contra infiltração e pintura à base de cal, que permite sua transpiração.

Com a incorporação da área de exposição de fotografias no primeiro pavimento, junto à circulação, foi viabilizada a acomodação junto aos periódicos da Coleção Especial do Instituto Oscar Freire (IOF), até então mantida em área externa ao edifício. Seu acesso através do acervo de periódicos requereu a adequação da escada metálica que dava acesso aos dois níveis superiores da estrutura. Seu segundo lance foi dividido em dois trechos, o primeiro alcançando a Coleção IOF e o seguinte, o último nível do acervo de periódicos. O levantamento minucioso de todas as peças metálicas da escada existente permitiu que o desenho original e a continuidade da

escada fossem mantidos. Nos patamares foram instalados hidrantes e nas portas de vidro foram colocadas barras anti-pânico, garantindo a segurança deste que é o ponto mais crítico em caso de emergência.

Apenas o acervo de periódicos, pela fragilidade de seu conteúdo, e a área administrativa contavam com ar condicionado. Com a reforma toda a biblioteca recebeu condicionamento térmico artificial. A questão era posicionar as casas de máquinas sem interferir na distribuição interna da biblioteca e sem criar construções externas no jardim ou na cobertura. Foram criadas quatro casas de máquinas, sendo duas no embasamento – atendendo a coleção especial e o acervo de periódicos -, uma no segundo andar – servindo o acervo de livros e salão de leitura - e outra no forro do último pavimento, sobre o hall do elevador – atendendo os níveis das plataformas do acervo de livros. Sobre os forros dos sanitários foram colocados demais equipamentos. Uma das casas localizadas no embasamento somente foi possível após uma prospecção que revelou existir, sob a escada do futuro acesso da biblioteca, uma câmara perdida, conforme se via nas plantas. Com a instalação de pequenas venezianas para tomada de ar externo junto ao teto, no nível da calçada, sua utilização foi viabilizada. O posicionamento de tomadas de ar foi muito cuidadoso para não interferir na fachada: quase todas foram encaixadas dentro dos caixilhos existentes, substituindo-se panos de vidros por venezianas, de acordo com as áreas necessárias contidas no projeto de climatização.

Em determinados locais optou-se pelo uso de cassetes, determinando o desenho do forro do primeiro e do terceiro pavimentos, composto por placas soltas de gesso perfurado nas quais o cassete foi centralizado e as luminárias dispostas ao seu redor. Em ambientes pequenos e fechados, como a sala da diretoria, de reunião e de treinamento, os cassetes estão fixos em forro de gesso monolítico. Na área de acervo de livros, no segundo andar, e no acervo de periódicos, os dutos de ar condicionado ficaram aparentes. Nos diferentes níveis das plataformas metálicas do acervo de livros foram instalados difusores de parede, única solução possível naquele espaço.

O layout interno considerou, além das áreas de acervo e estudo, as áreas para funcionários, organizados em quatro grupos com tarefas bem definidas. Também foi necessário considerar o mobiliário existente, cujos modelos e padrões de acabamento diferentes exigiam um estudo cuidadoso. A nova organização espacial encontrou certa resistência por parte dos funcionários, mas foi implantada completamente e continua em funcionamento, comprovando sua eficácia.

A Diretoria Técnica, responsável pela administração, passou a ocupar espaço interno à biblioteca, no terceiro pavimento. Neste andar foram colocados os funcionários que não trabalham diretamente com o público, divididos em dois setores específicos. Um é denominado STI - Serviço de Tratamento da Informação, responsável pela supervisão de livros e monografias, produção científica e teses e periódicos, pela aquisição de material bibliográfico, pela identificação e etiquetagem, pelo cadastramento no banco de dados e classificação e indexação temática e descritiva. O outro setor, SPD - Serviço de Promoção e Divulgação - cria material de divulgação,

supervisiona o setor de encadernação, conservação e restauro, cadastra eventos na área médica e faz a manutenção da homepage. Distribuídos no primeiro e no segundo pavimentos ficaram os funcionários do SAI - Serviço de Acesso à Informação – responsáveis pelo atendimento ao usuário, serviço de comutação e empréstimo entre bibliotecas, digitalização de material, limpeza e organização dos acervos.

O grande desafio da execução do projeto foi transferir os serviços e manter setores da biblioteca funcionando ao longo dos dez meses de obra. A logística deveria combinar os remanejamentos de áreas e o cronograma de serviços. Para agravar a situação, várias equipes conviviam no canteiro, uma vez que diversos projetos eram executados simultaneamente: restauro da biblioteca, das fachadas e laboratórios. Esta convivência atravessou momentos críticos, como a impossibilidade de se pintar as estantes do acervo de periódicos em função da poeira proveniente do lixamento das fachadas.

Primeiramente, todo o acervo (livros, teses, periódicos e multimeios) foi retirado e transferido para um depósito especial, com a refrigeração adequada. Ficaram disponíveis apenas os títulos mais consultados e a bibliografia básica das disciplinas. O atendimento ao usuário concentrou-se no espaço da antiga copiadora, no segundo pavimento.

Os serviços começaram pelas mudanças estruturais, como a demolição dos trechos de laje para a execução do poço do elevador e das novas lajes dos sanitários, a construção do novo lance da escada principal, a instalação da nova escada metálica no acervo de livros, além das obras na cobertura, essenciais para os trabalhos internos no último pavimento. Devido à natureza do projeto, foi solicitado o acompanhamento do arquiteto durante os serviços.

O acervo de periódicos e a área de funcionários no terceiro pavimento foram os primeiros a serem concluídos e a retomarem suas atividades. O acesso no primeiro pavimento foi o último espaço a ser iniciado, uma vez que a secretaria da pós-graduação foi transferida somente dois meses antes do prazo final. Um mês depois, esta área já estava funcionando provisoriamente, retomando o atendimento aos usuários e oferecendo espaços para estudo e consulta ao acervo.

A inauguração oficial deu-se em dezoito de outubro, dia no qual se comemora o Dia do Médico. As obras civis estavam concluídas, necessitando ainda de pequenos ajustes e retoques. Em dezembro de 2006, todos os acessos internos foram fechados e a biblioteca passou a funcionar integralmente dentro do novo sistema de circulação.

Tanto usuários quanto funcionários aprovaram a nova estrutura funcional da biblioteca. Suas instalações modernas e seus espaços amplos valorizaram seu papel referencial dentro das instituições de ensino médico. O apoio da Fundação Rockefeller, sem o qual a construção deste magnífico edifício não seria viabilizada, foi reverenciado com a visibilidade do acervo de periódicos. O desenho de Ramos de Azevedo foi respeitado e desvendado com a amplidão da

qual usufruem agora os espaços internos. A Biblioteca Central da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo atualmente possui, de fato, um espaço digno de seu nome.

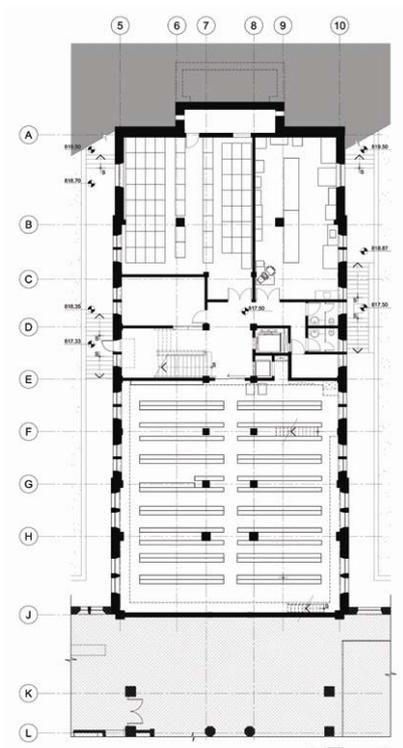


Imagem 19
Planta do embasamento.

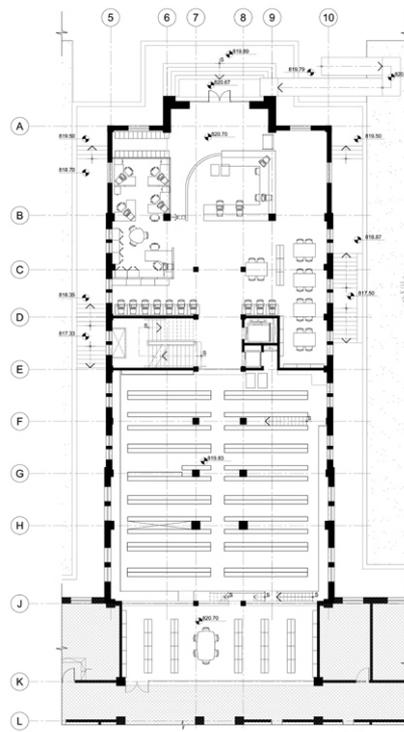


Imagem 20
Planta do primeiro pavimento, com o novo acesso.

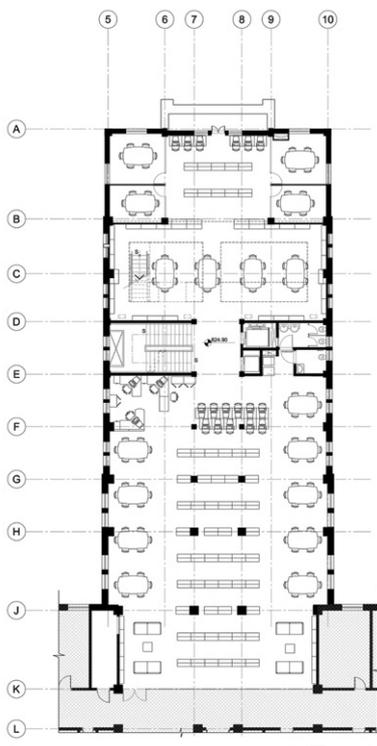


Imagem 21
Planta do segundo pavimento.

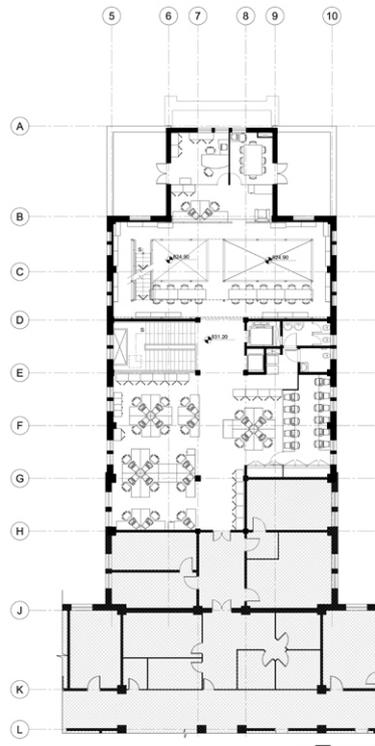


Imagem 22
Planta do terceiro pavimento.

Considerações Finais

O projeto de restauro e requalificação da Biblioteca Central e sua execução estiveram perfeitamente alinhados com as diretrizes do Plano Diretor do Projeto de Restauro e Modernização da FMUSP, baseadas na recuperação dos aspectos histórico-arquitetônicos do prédio, na remodelação e modernização das atuais instalações de acordo com as necessidades e os novos conceitos do ensino e pesquisa internacionais e na ordenação dos espaços internos para melhor acomodar novos programas.

As metas do projeto foram atingidas com êxito. As patologias sérias – trincas, infiltrações, vazamentos, umidade – foram corrigidas com soluções modernas sem prejudicar seus aspectos históricos. Características originais cabíveis - pisos, o traçado do guarda-corpo da escada principal, o redesenho da escada metálica no acervo de periódicos – foram respeitadas. A combinação entre partes novas e partes recuperadas foi cuidadosa, para não criar sobreposições desagradáveis ou desconexas. Os espaços internos foram organizados e modernizados, recebendo novas instalações e abrigando novas necessidades.

O projeto não atuou no sentido de reconstruir as condições originais da biblioteca, já bastante modificadas, mas de pensá-las em função das novas necessidades funcionais traduzidas em visibilidade, acessibilidade, ampliação da área de acervo, organização das áreas administrativas e estruturação da circulação. Uma das intervenções mais controversas, a instalação da cobertura metálica, elucida esta postura. A eliminação dos mezaninos metálicos e a demolição do vigamento invertido para recuperação do desenho original do telhado, correspondendo simetricamente ao executado no bloco do auditório, não se justificava na medida em que apresentava riscos de abalar irreversivelmente a estabilidade do edifício.

É valioso enfatizar que todas as decisões de projeto foram avalizadas pelo arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, que há cerca de 25 anos aprovou o tombamento do edifício. Todos os colaboradores mantiveram-se em contato constante com a equipe de projetos da FMUSP, de forma a compatibilizar todas as intervenções com o Plano Diretor.

Desta forma, a avaliação positiva desta obra é condizente. O respeito ao original não limitou o atendimento à necessidade de modernização, assim como a modernização não implicou em intervenções drásticas e traumatizantes. O antigo abriga o moderno, numa convivência harmoniosa. O moderno reporta-se ao antigo, numa atitude respeitosa e louvável. Ambos resultam em uma biblioteca funcional, agradável e adequada ao uso.

Referências Bibliográficas

CALDEIRA, Marina Pires do Rio. "História da Criação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo". Disponível em: < <http://www.fm.usp.br/sobre/historico.php> > Acesso em 25 jul. 2007, 17:50:00.

FARIA, Lina Rodrigues de. "A Fundação Rockefeller e os serviços de saúde em São Paulo (1920-30): perspectivas históricas". In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.9 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000300005 > Acesso em 26 abr. 2007, 11:23:14.

ROCHA, F. Franco da. "Centenário do nascimento de Ramos de Azevedo". *Acrópole*, São Paulo, n. 164, p. 269-272, dezembro, 1951.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004.

TURNER, Paul Venable. *Campus: an American planning tradition*. New York: The Architectural History Foundation, 1984.

"A Fundação Faculdade de Medicina". Disponível em: < <http://extranet.ffm.br/> > Acesso em 25 jul. 2007, 17:25:30.

Secretaria de Estado da Cultura. Lista dos Bens Tombados no Estado de São Paulo. Faculdade de Medicina – USP (Avenida Dr. Arnaldo, 445 - Cerqueira César) Processo: 20625/78, Tomb.: Res. 8 de 16/3/81, D.O.: 17/3/81, Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 1, p. 26, 29/5/1981. Disponível em:

<<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.da9951edef838c342ff05210c19714a0/?vgnextoid=6ef9fbe356338010VgnVCM1000001c79410aRCRD>> Acesso em 26 abr. 2007, 11:20:00.

<<http://www2.usp.br/portugues/conteudo.php?dir=/ausp/sobreausp/sobreausp.htm>> Acesso em 25 jul. 2007, 17:00:00.